A TRANSFORMAÇÃO DA MEMÓRIA EM MERCADORIA: FIM DA PRODUÇÃO FABRIL E A CONTINUIDADE DA "MARCA"

Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza*
Mirlaine Rotoly de Freitas**
Fabiana da Silva Bitencourt Cândido***

RESUMO:

O resgate da história da Fábrica de Chapéus Sarkis foi retratado neste estudo. Buscou-se analisar as influências da referida fábrica no município de Itapira, principalmente na organização e produção do centro urbano e no cotidiano dos citadinos. Seu fechamento foi entendido a partir das mudanças da moda mundial e de seus reflexos no lugar Itapira — SP, Brasil. Este estudo contempla uma análise regressiva do período (décadas de 1920 a 1960) em que o chapéu era um acessório indispensável na vida cotidiana das pessoas. Reencontrando o presente, procurou-se entender o conteúdo da forma espacial que hoje se encontra em vestígios. O estudo é singular por identificar no espaço geográfico itapirense atual a peculiaridade da transformação da tradição da fábrica em mercadoria.

PALAVRAS-CHAVE:

Fábrica de chapéus; Espaço urbano; Produção do espaço; Dinâmica espacial; Desconstrução da paisagem.

The historical recovery of the Sarkis Hat Company is reported in this paper. Influences of this company on Itapira town are analyzed by taking into account the mentioned recovery, especially when investigating the organization and production of the urban center, as well as the daily of citizens. Its closing was due to changes in the global fashion and their reflex over the place Itapira – SP, Brazil. This study contemplates an analysis throughout the period from the 1920 to 1960 decades, in which the hat used to be an indispensable accessory for the daily lives of people. By looking forward from this period, we tried to understand the content of the spatial shape which is tumbled nowadays. This work is unique when identifying the transformation of the tradition of an important company into merchandise, in the geographical space of Itapira.

KEY WORDS:

Hat company; Urban space; Space production; Spatial dynamics; Landscape deconstruction.

Introdução

O presente estudo busca compreender a possível influência da Fábrica de Chapéus Sarkis na produção e organização do centro urbano itapirense. Assim, este tema representa um resgate da memória da formação urbana de Itapira através do estudo do que foi e o que representou a Fábrica de Chapéus Sarkis para o município. As relações existentes entre o local e o global serão identificadas através da análise do conhecimento técnico empregado na confecção dos chapéus, pois os modelos confeccionados na Fábrica de Chapéus Sarkis materializavam as tendências mais atuais da moda mundial da época.

Nesse sentido, a vida cotidiana dos operários é um importante foco de análise, pois o trabalho humano dotado de técnicas materializa-se no espaço geográfico. Observando as necessidades e ações dos citadinos, será possível entender como aconteceu a produção do espaço urbano itapirense.

"O espaço, enquanto produto e não coisa, deve ser analisado através das relações que o produziram. Estas são relações de produção, logo de trabalho. Não é qualquer relação de produção, nem qualquer processo de trabalho, mas um determinado trabalho, no trabalho assalariado, seu processo de valorização e conseqüentemente de apropriação." (CARLOS, 2001, p.17-18)

Entende-se o espaço geográfico como um conjunto de sistemas de objetos artificiais e naturais e de sistemas de ações (SANTOS, 1996, p.51), portanto objetiva-se compreender a construção histórica do espaço urbano itapirense através do estudo de como se deram as relações sociais a partir da fábrica, e da identificação dos objetos que foram construídos para viabilizar seu funcionamento. Em outras palavras, o espaço geográfico é produto e condição das relações sociais de produção e para entendê-lo é necessário buscar em sua história os marcos de sua produção e reprodução.

O fim do uso social do chapéu pode ter causado a decadência e o fechamento da Fábrica de Chapéus Sarkis na década de 1960 e, consequentemente, transformações no espaço urbano itapirense. Neste contexto, a configuração material atual do espaço geográfico em que a fábrica foi construída será a base de estudo para a identificação das modificações nas relações sociais, de apropriação do capital e por conseguinte da produção do lugar Itapira.

Metodologia

Para a realização deste estudo, foram pesquisados artigos publicados no jornal "Tribuna de Itapira", com a finalidade de resgatar a história da Fábrica de Chapéus Sarkis. Este resgate foi enriquecido e confirmado através de entrevistas com pessoas que trabalharam na fábrica e pessoas que vivenciaram a época de funcionamento da mesma (1922 à década de 60).

As fotos, mapas e cartas urbanas da época serviram para analisar o prédio da fábrica, seu entorno, a passarela de pedestre construída próxima da mesma, etc. A análise das propagandas da Fábrica de Chapéus Sarkis nos jornais itapirenses da época e do filme "Itapira, a Linda" ajudaram a retratar o cotidiano dos cidadãos e identificar as influências da fábrica e de seus produtos no dia-a-dia dessa população.

A análise das fotos atuais do quarteirão onde se situava a fábrica foi ponto de partida para entender como aconteceu a desconstrução da paisagem. Desta forma, partiu-se do presente, através da identificação no espaço de vestígios da antiga fábrica, para entender sua antiga função. Por meio do resgate de sua fase áurea e de sua crise foi possível explicar a dinâmica da produção espacial em seus diferentes momentos.

Para que possamos entender a dinâmica espacial em sua totalidade é preciso entender como o espaço geográfico se estrutura. As estruturas urbanas apresentam uma dimensão histórica e, portanto, não são estáticas; este constante movimento na estruturação urbana denomina-se processo (SANTOS, 1985, p.52). O processo de produção espacial em sua evolução passa a demandar novas formas e novas funções às cidades. O referido autor nos orienta que existem quatro categorias do método geográfico: forma, função, estrutura e processo. O estudo concomitante destas categorias deve buscar como elas interagem "para criar e moldar o espaço através do tempo" (SANTOS, 1985, p.52).

Conhecer a história da produção deste lugar onde funcionou a antiga Fábrica de Chapéus Sarkis é de extrema importância pois significa dar "conteúdo a uma forma" que poderia ser interpretada apenas como enclave, ou seja, uma herança de uma atividade econômica encerrada. O método indicado por (SANTOS, 1985) nos faz ir além da forma, buscando toda a essência vivida em seu processo de construção.

Este estudo procura identificar, no espaço geográfico, as marcas dos fixos e fluxos deixados pelas relações entre os agentes sociais envolvidos com a Fábrica de Chapéus Sarkis, localizada no município de Itapira, Estado de São Paulo.

I. O Espaço Geográfico do Chapéu



Fonte: MATOS, O. N. 1974, p.131

Neste contexto, buscou-se analisar como as relações entre os operários e demais agentes sociais da época se materializaram no espaço, produzindo-o e transformando-o.

"Numa primeira hipótese de trabalho, dissemos que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são resultados direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos,

modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam." (SANTOS, 1997, p.50)

O quarteirão onde foi edificado o prédio da fábrica era um terreno pantanoso, drenado por dois córregos (BELLINI, 2002). Para que o prédio pudesse ser construído, a área foi drenada, blocos de rochas foram assentados, além de um aterro.

A indústria surgiu a partir da aquisição de uma fabriqueta de chapéus que existia em Itapira desde 1915, de propriedade do italiano Ângelo Chiroli. Como já mencionado, a Fábrica de Chapéus Sarkis teve sua inauguração oficial em 12 de outubro de 1922, sendo, a partir de então, um agente transformador do espaço urbano itapirense.

Este importante objeto técnico acabou por alterar o centro urbano de Itapira, pois concentrou em seu interior centenas de operários que deram vida e sentido prático aos objetos artificiais que compunham o entorno da fábrica, como por exemplo, a passarela, as calçadas e ruas de acesso à mesma.

Vários estabelecimentos comerciais ganharam impulso para concentrar os operários que, normatizados pelo som do apito, saiam da fábrica todos os dias no mesmo horário. O ritmo da fábrica invade o cotidiano impondo hábitos, normas, reproduzindo a vida em sua plenitude, tudo isto acaba produzindo o próprio espaço urbano.

Alguns hotéis da cidade eram movimentados por trabalhadores de outros municípios que passavam semanas envolvidos com o trabalho na fábrica. Desta forma, constata-se que a fábrica alterou o funcionamento e a própria estrutura da área central itapirense.

"A lógica produtiva redireciona a forma da cidade. A imposição das necessidades do capital redefine a centralidade, fragmentando-a em diversos setores e reunindo a mesma através dos interesses e sentidos da produção capitalista." (ALFREDO, 1999, p.139)

Um dos pontos de referência do centro urbano itapirense era a chaminé da fábrica, pois devido à sua altura e ao emblema "Sarkis", a fábrica se destacava entre as edificações da área central.

Os muros da Fábrica limitavam fisicamente a indústria, porém, não limitavam o progresso, pois os fluxos decorrentes do processo produtivo se irradiavam por todo o território brasileiro, atingindo até mesmo o exterior. Um dos fixos que promovia a fluidez das mercadorias dela era a ferrovia, que fisicamente estava muito próxima (Figura 2), facilitando ainda mais o escoamento das mercadorias.



Assim, o espaço geográfico itapirense foi dotado de fixos que possibilitaram os fluxos de pessoas, idéias, trabalho e, principalmente, mercadorias.

"Se por um lado, a indústria é um fenômeno concentrado que gera grandes aglomerações urbanas, de outro, suas articulações extrapolam os limites do 'espaço próximo' para se interrelacionarem com espaços mais amplos, cujos limites são aqueles do globo terrestre." (CARLOS, 2001, p.23).

II. O Chapéu no Cotidiano do Lugar Itapira

A Fábrica de Chapéus Sarkis foi de fundamental importância sócioeconômica para o município de Itapira, pois na década de 1950 chegou a empregar cerca de 700 funcionários, fornecendo suporte econômico significativo para a área urbana, que possuía, na época, 11.000 habitantes.

"A lei da acumulação capitalista, apoiada na exploração da força de trabalho, produz em escala cada vez mais concentrada a acumulação da riqueza, aumentando cada vez mais os meios de produção que a força de trabalho movimenta". (CARLOS, 2001, p.33)

O apito da fábrica normatizava a vida de muitas famílias itapirenses. "O apito do Sarkis, ouvido na cidade inteira, era um verdadeiro relógio que a população adotava para controlar suas rotinas" (BELLINI, 2002). Seu som regrava o horário de entrada e saída de seus trabalhadores, que movimentavam as calçadas do entorno e a passarela que foi construída para facilitar a travessia da linha do trem pelos pedestres.

"Ocorre, assim, uma quantificação da atividade humana – compreendida como trabalho – que se dá, a princípio, no relacionamento entre o homem e a máquina. O tempo é quantificado, vivido segundo períodos, turnos de trabalho. Esta quantificação exige uma redefinição das relações sociais que extrapolam os limites da subsunção formal do indivíduo, sendo a própria cidade elemento necessário à realização desta lógica quantitativa, ou, ainda, à realização da mais-valia." (ALFREDO, 1999, p.139)

Quando o apito tocava às 16h30min, alguns funcionários participavam dos treinos do Sarkis Futebol Clube, que estreitavam laços de amizades entre os mesmos. Assim, o papel social dos operários dessa fábrica não se resumia apenas à jornada no interior da mesma, pois o urbano itapirense era modificado, também, através de atividades extras, que (re)produziam a vida cotidiana por meio de atividades comerciais, de entretenimento ou religiosas. A sociabilidade era estimulada e, assim o "fardo" da pesada jornada de trabalho era suavizado, dando prazer ao labor e acelerando ainda mais a produção da fábrica. O sentimento de pertencimento, a sensação de equipe, as amizades, a pretensa estabilidade, criava um círculo virtuoso favorecendo o acúmulo de capital pela empresa.

Havia, ainda, aqueles que se dedicavam às plantações de subsistência, principalmente a de arroz, que acontecia na várzea do Soares. Além disso, outros operários, visando a obtenção da casa própria, organizavam-se em mutirões para as construções de suas moradias, que geralmente eram simples, contendo apenas quatro cômodos e se localizavam em bairros periféricos. Uma interessante relação pode ser feita entre o pagamento fixo mensal dos salários com o aumento da área urbana do município de Itapira, principalmente dos bairros periféricos, já que parte dos salários eram investidos na compra de materiais para a construção das casas. Desta forma, o vínculo do trabalho na empresa foi fator responsável por uma significativa expansão urbana da época.

"... é no urbano que o cotidiano se instala. Detecta a produção de um novo espaço, no momento em que o modo de produção capitalista se expandiu, pois esta realização, tomou o mundo. Este é para o autor o momento da redefinição da cidade, de sua explosão, da extensão das periferias, da construção de um

novo espaço." (LEFÉBVRE apud CARLOS, 2004, p.29)

Durante o período de funcionamento da Fábrica de Chapéus Sarkis, houve grande interação entre os funcionários da empresa, e entre os mesmos com os industriais e diretores. Esses estratégicos laços sutilmente revelavam a exploração capitalista, baseando-se no pensamento industrial, ainda remanescente em diversos setores, de que o melhor marketing é o interno. Por outro lado, associado ao feeling empresarial dos proprietários, uma relação de trabalho humanitária manifestava-se na empresa. Para os operários, o sentimento de reconhecimento por trabalhar na mais promissora fábrica do município era intensificado pela relação de amizade e respeito entre os mesmos e os proprietários da fábrica, fato este identificado pelas frequentes confraternizações e comemorações, como a festa do casamento de um dos proprietários, Sebastião Jader Sarkis, realizada na própria fábrica, peculiaridade esta que destacava a Fábrica de Chapéus Sarkis perante os outros estabelecimentos do município.

O status de ser um funcionário da Fábrica de Chapéus Sarkis era sinônimo de credibilidade no mercado interno itapirense. Este fato se comprova através da relação de confiança dos donos das vendas (secos e molhados) e demais comerciantes locais com os fregueses que eram funcionários da Fábrica de Chapéus Sarkis, pois os mesmos não precisavam de nenhuma comprovação de renda para fazer suas compras. Dessa forma, o urbano abrigava relações individuais de credibilidade vinculadas a um grande objeto técnico chamado Fábrica de Chapéus Sarkis.

III. O Chapeau no Topo da Moda

O desenvolvimento de fábricas de chapéus na cidade de Itapira acompanhou o movimento modista mundial pelo qual usar o chapéu em situações cotidianas era sinônimo de elegância, requinte e educação, em qualquer nível social. Assim, os proprietários da Fábrica de Chapéus Sarkis souberam acompanhar o desenvolvimento modista mundial e transformálo em fonte produtiva no lugar Itapira.

"A reprodução do espaço aparece como resultado do processo de produção e reprodução do capital, que se realiza como capital adicional e que tem, como condição de existência, a apropriação do trabalho alheio." (CARLOS, 2001, p.18)

A fábrica tornou-se lucrativa para o município, atraindo trabalhadores da área urbana, da rural e de outros municípios. Trabalhar na Fábrica de Chapéus Sarkis, além de garantir credibilidade, conferia ao trabalhador o *status* de ser um funcionário da mais moderna fábrica de chapéus da América do Sul (BELLINI, 2000), tornando-se um cosmopolita no mundo da moda mundial de meados do século XX.

Um importante recurso utilizado para a divulgação dos chapéus eram as propagandas, que tinham abrangência nacional, sem distinção de nível social, pois visavam vender o produto chapéu, movimentando a circulação de capital fabril. Isto pode ser observado pela propaganda a seguir:

"Chapeau é para os franceses; Sombrero é para os mexicanos; mas Sarkis é para todo mundo" (BELLINI, 2000).

Na época, anúncios luminosos também chamaram atenção na capital do Estado, como foi o caso de um letreiro sobre os chapéus Sarkis, colocado no alto de um prédio próximo ao Viaduto do Chá.

Outra forma de propaganda, foi a de presentear influentes políticos da época com os mais requintados modelos de chapéus fabricados pela Fábrica de Chapéus Sarkis. Um destaque desta estratégia foi a repercussão entre os operários ao visualizarem, na década de 1950, o então populista Getúlio Vargas utilizando, na cidade de Campinas, um chapéu confeccionado pelos mesmos (BELLINI, 2000). Como a figura carismática de Vargas era idolatrada pelo povo, este fato serviu de

incentivo para a força produtiva da fábrica. Porém, vale lembrar que o pano de fundo dessas relações interpessoais era capitalista, baseado na exploração do operariado através da maisvalia, mas a mentalidade dos operários era moldada para o consumo e a credibilidade na empresa. "Nestes termos, cria-se não somente a possibilidade de se produzir mais produtos, mas todo um ambiente, uma mentalidade moldada pela lógica das relações de troca." (ALFREDO, 1999, p.137).

Neste contexto, mesmo dentro da alienação do modo de produção fordista, os operários eram estimulados a trabalhar pelo bem comum, pois rotulados como "amigos" estariam contribuindo para o progresso da Fábrica de Chapéus Sarkis e, indiretamente, para a manutenção de seus empregos.

IV. O Comércio Interno e Externo do Chapéu

Os chapéus fabricados pela Sarkis tinham sua distribuição regional, nacional e até internacional (BELLINI, 1998). Dentro do território brasileiro, eram comercializados através dos caixeiros viajantes que, nos primórdios do funcionamento da indústria, viajavam de trem e, posteriormente, de automóveis, visitando as lojas, apresentando diversos modelos e anotando os pedidos que seriam despachados por meio de transportes ferroviários e automotivos, através da própria frota ou mesmo utilizando as transportadoras locais. Com o tempo, escritórios em São Paulo, Rio de Janeiro e no norte do país foram criados para assessorar as vendas (BELLINI, 1998).

"Assim, o espaço vai se produzindo para atender às necessidades da produção e das relações que essa produção, somada à circulação, distribuição e troca determinam." (CARLOS, 2001, p.38)

Dentre os caixeiros viajantes que chegaram à soma de quarenta (BELLINI, 2001), a nacionalidade que predominou foi a Síria, como

exemplo: Anis Anyuni, Antonio N. Chemale, Michel Metran, entre outros. Os proprietários da fábrica também eram descendentes de sírios. Observa-se, portanto, a melhor adaptação de sírios e libaneses à atividade comercial e industrial.

Imigrantes italianos, portugueses, alemães e espanhóis moviam a produção industrial e, foram importantes para a construção da história da Fábrica de Chapéus Sarkis e, por conseguinte, para a expansão do espaço urbano itapirense.

V. Aposentando o Chapéu

Os industriais da família Sarkis souberam aproveitar a moda do uso do chapéu, até mesmo expandindo sua empresa através de duas filiais nas cidades de Limeira e São João da Boa Vista (BELLINI, 2000), proporcionando um lucrativo investimento de capital. A moda em seu dinamismo cria uma sucessão permanente de objetos, e nesse sentido, a produção de chapéu foi favorecida e posteriormente aniquilada.

"Aqueles que manipulam os objetos para tornálos efêmeros manipulam também as motivações, e é talvez a elas, expressão social do desejo, que eles atacam dissolvendo-as (...) é preciso também que as necessidades envelheçam, que jovens necessidades as substituam. É a estratégia do desejo!" (LEFÈBVRE, 1991, p.91)

Nesse dinamismo, a partir da década de 1950, surgiram mudanças culturais que forma estimulando novas modas, novos hábitos de consumo. Com o desenvolvimento e popularização do rádio, da televisão e do cinema, cantores como Elvis Presley e atores como Anselmo Duarte divulgaram seus cabelos impecáveis com o uso de brilhantina, desestimulando o uso do chapéu.

Portanto, a população jovem, inspirada pelos "rebeldes sem causa" e rock'n roll, abandonou o uso dos chapéus. Este processo foi intensificado pelo êxodo rural brasileiro, pelo qual a população urbana superou a população rural, necessitando menos da proteção do uso do chapéu contra os raios solares.

"Com o desenvolvimento do capitalismo, passa a ocorrer uma forte interdependência entre a indústria e o comércio. O comércio deixa de ser uma etapa meramente distributiva dos produtos, pois o processo de produção captura o consumo e passa a determiná-lo, e o comércio passa a atender a novas e consecutivas demandas. A satisfação das necessidades, que era a principal característica da produção, muda de sentido, ou seja, vai ocorrendo a expansão do valor de troca, que se sobressai ao valor de uso". (ORTIGOZA, 2001, p.38)

A indústria Sarkis tentou substituir a fabricação dos chapéus pela fabricação de feltros, ombreiras e mantas, porém a atividade não obteve a lucratividade esperada e a empresa encerrou suas atividades na década de 1960. Os funcionários demitidos, apesar da crise gerada com a situação, em sua maioria já haviam adquirido experiência técnica suficiente para sua adaptação em um novo mercado de trabalho. Porém, o abalo causado na credibilidade e solidez do emprego trouxe à tona que novos tempos regidos por leis perversas e seletivas do capitalismo se configuraram.

Esta é mais uma prova de que o local reflete as tendências do global e que as ações e pensamentos dos indivíduos são materializados no espaço, permitindo, por exemplo, o crescimento de uma empresa que chegou a empregar cerca de 700 funcionários, com importante credibilidade, e seu posterior

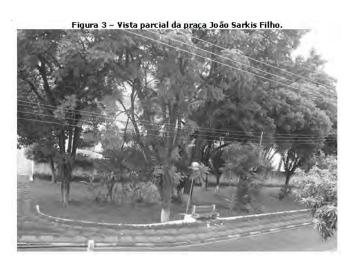
fechamento, após a rejeição social do uso do chapéu.

Hoje o que resta são vestígios espaciais de uma forma, desprovida de sua antiga função, que marcou social e economicamente uma fase áurea da industrialização de Itapira. O resgate histórico da vida dessa empresa se mistura com a história da própria construção da cidade, o fortalecimento do centro, o processo de periferização, as redes de transportes, entre outros aspectos, são produtos sociais e históricos que deram conteúdo à nossa reflexão.

VI. A Transformação da Memória da Fábrica de Chapéus Sarks em Mercadoria

A partir do encerramento das atividades produtivas da indústria Sarkis, o fixo, dotado de materialidade, deixou de gerar fluxos. O quarteirão no qual a indústria estava edificada foi paulatinamente perdendo seu valor econômico. Neste contexto, iniciou-se um processo de desconstrução da paisagem. A cada demolição realizada, parte da história de progresso e credibilidade que marcaram a Fábrica de Chapéus Sarkis, perdia-se no tempo. Atualmente, os vestígios materiais da fábrica e das estruturas urbanas de seu entorno, concentram a história da produção espacial do lugar.

A praça denominada "João Sarkis Filho" (Figura 3), que no passado era agregada à promissora fábrica, atualmente, está próxima de estabelecimentos comerciais totalmente desvinculados do contexto histórico da fábrica.



A passarela (Figura 4), que fora construída para assessorar a circulação dos funcionários da fábrica de chapéus Sarkis, sobre os trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, é considerada hoje como uma infraestrutura urbana dispensável, pois além de não existir o mesmo tráfego de pedestres em direção ao quarteirão da antiga fábrica, a Estação Ferroviária foi totalmente desativada. Desta forma, atualmente a passarela representa um objeto técnico carregado de história, porém descontextualizado. Observa-se a transformação da centralidade na história da cidade; em uma de suas fases o espaço da fábrica era cen-

tral, pois regia o dinamismo do urbano, dava o ritmo à vida impondo modos de vida e modas. Ele criava demanda por infraestruturas urbanas, injetava renda e estimulava o comércio e os fluxos de matéria-prima, produtos e pessoas. Hoje, existem outros objetos centrais, a antiga centralidade se desconfigura para dar lugar a novas infraestruturas. As antigas, a exemplo da passarela, se transformam em entraves urbanos, pois seu uso já não justifica mais sua existência. Com base nessa dinâmica constante e ininterrupta é que a Geografia entende a cidade, ou seja, como uma forma que está em constante processo de produção e reprodução.



Figura 4 – Passarela construída sobre os antigos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas

Numa pequena parcela do terreno da fábrica, foi construído um prédio de apartamentos, que recebeu o nome de Celencina Caldas Sarkis (Figura 5), homenageando a esposa do antigo proprietário, como reconhecimento aos benefícios que a família Sarkis legou ao município e, ao mesmo tempo, materializando no espaço parte da história local que estava se perdendo.

Cabe ressaltar que as novas formas criadas, e mesmo as adaptações das velhas formas, vêm atendendo às demandas atuais da população local, ou seja, prédios de residências, comércios modernos, entre outros, sem contudo, abandonar a "marca" Sarkis: esta sim pode ser identificada na paisagem urbana como um conteúdo, ou melhor, como "elo" de ligação entre passado e presente. Mas será que os citadinos se dão conta disto?

Refletindo sobre os conteúdos da cidade e do tempo, Matos (1982) nos informa que:

"Este tempo espacializado, rígido, preenchido por coisas, aprisiona o homem em um espaço que ocupa o lugar da duração. No mundo espacializado do trabalho, a intenção do trabalhador, sua vida moral enquanto pessoal, sua afetividade importam pouco; para a sociedade ele só conta enquanto engrenagem destinada a realizar um gesto particular. O presente da repetição mecânica do mesmo gesto é um presente sem história, é momentâneo, carentes da recordação. É o presente produtivista da economia de mercado que domina a Metrópole. Esta desaloja as últimas sobrevivências da produção doméstica e a troca direta de mercadorias." (MATOS, 1982, p. 46)



Figura 5 - Prédio "Celencina C. Sarkis" (vide detalhe). À direita, o Tribunal Regional do Trabalho da 15º região.

Alguns prédios, como o tribunal Regional do Trabalho (Figura 5) e a loja Always (Figura 6) acabaram por preservar, mesmo que parcialmente, a originalidade da fachada da antiga

fábrica. Esses vestígios materiais contribuem para a perpetuação dos laços entre tempo histórico e espaço geográfico.



Propositalmente, como um resgate da história local, a iniciativa privada construiu em parte do terreno que fora ocupado no passado

pela fábrica Sarkis, uma galeria de lojas que leva o nome de "Comercial Sarkis Center" (Figura 7).



Figura 7 – Fachada de acesso ao centro comercial, destacando a logomarca <u>"</u>Sarkis".

A logomarca da galeria de lojas preserva a mesma logomarca da extinta Fábrica de Chapéus Sarkis. Essa peculiaridade sutilmente resgata na memória da população local um patrimônio imaterial deixado pela marca Sarkis, ou seja, o da confiabilidade e do progresso. Sendo assim, é possível afirmar que o capitalismo se apropriou da história do lugar para garantir lucratividade. A tradição de progresso e credibilidade que a Fábrica de Chapéus Sarkis representava foi transformada em mercadoria.

Neste contexto, o espaço geográfico foi transformado de acordo com as necessidades comerciais do final do século XX, mas a história continuou agregada ao lugar, valorizando-o economicamente. Assim, os vestígios materiais da fachada ainda existente da fábrica, o nome do prédio de apartamentos e principalmente a manutenção da utilização da logomarca da fábrica no centro comercial, representam vínculos de identidade entre os citadinos e a história materializada no espaço geográfico. Esse fato ressalta a necessidade atual de se unir os conceitos de tempo e de espaço (FREITAS; GARCIA, 2003) para compreender a realidade e a construção do espaço geográfico.

Considerações Finais

Com a realização deste estudo, ficou comprovado que a Fábrica de Chapéus Sarkis foi um objeto que gerou transformações no espaço urbano itapirense, pois o quarteirão ocupado pela mesma, que antes era uma área pantanosa, sem importância econômica, passou a ser uma área valorizada, já que a fábrica era promissora e gerou uma importante fonte de empregabilidade para o município. Devido ao significativo fluxo diário de funcionários, o espaço geográfico no entorno da fábrica passou a concentrar estabelecimentos comerciais e até mesmo houve a inserção da passarela.

Como durante seu funcionamento a Fábrica de Chapéus Sarkis representou a maior credibilidade em termos de emprego no município, ela foi um agente atrativo para os operários locais e regionais, promovendo um aumento físico significativo na concentração urbana itapirense, expandindo as moradias populares nos bairros periféricos.

Vale ressaltar a perspicácia comercial da família Sarkis ao identificar que seu produto era promissor, já que era indispensável no vestuário de um homem educado e elegante para a época, e ao estabelecer uma relação de amizade entre empregadores е empregados, amenizando, assim, o vínculo de exploração capitalista inerente à atividade industrial. Essas percepções, conjugadas ao capitalista, foram ingredientes responsáveis pelo sucesso da indústria ao distribuir seus produtos no local, na região, no país e no mundo. Sua dimensão física materializou no espaço um potencial produtivo suficiente para abastecer um significativo mercado consumidor.

À medida que este estudo foi sendo delineado, foi percebido que a marca "Sarkis" não representava apenas um simples produto comercial para os itapirenses. Os chapéus eram sinônimos de confiabilidade, pois para um citadino da época seria muito viável trabalhar numa fábrica sólida, promissora e com importante credibilidade no mercado. Porém, a sociedade itapirense pôde constatar, na prática, o pensamento de Marx: "tudo que é sólido se desmancha no ar" (MARX; ENGELS, 1848), pois com as mudanças na tendência da moda mundial, o chapéu passou a ser uma peça dispensável do vestuário masculino e a não adaptação da Fábrica de Chapéus Sarkis à nova realidade, levou-a ao fechamento, interferindo e modificando o espaço geográfico em que inserida, desestruturando estava reestruturando relações econômicas e sociais do lugar. Hoje o que resta da fábrica é a sua memória transformada em mercadoria.

Desta forma, conclui-se que a não adequação de qualquer atividade produtiva às tendências mundiais e às necessidades da sociedade de sua época, levam-na à decadência. Porém, as marcas, materiais e imateriais, deixadas por importantes atividades produtivas no lugar, são utilizadas pelo capitalismo para a crescente obtenção de lucros. Esta realidade reafirma a imprescindível importância da ciência geográfica, pois é ela que fornece os

instrumentos necessários para que os cidadãos conheçam, entendam e analisem o espaço geográfico e o contexto mundial no qual estão inseridos.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao senhor Arlindo Bellini pela solicitude em disponibilizar materiais e pelas valiosas informações.

Bibliografia

ALFREDO, A. "A cidade capitalista. Uma centralidade que impõe a descentralização". In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. L. *O Espaço noFim de Século. A nova Raridade.* São Paulo: Contexto, v. 01, 1999, p. 137-143.

BELLINI, A. Jornal Tribuna de Itapira, 1998, n. 979 e 1012.

BELLINI, A. Jornal Tribuna de Itapira, 2000, n. 1200, 1211 e 1303.

BELLINI, A. Jornal Tribuna de Itapira, 2001, n. 1431.

BELLINI, A. Jornal Tribuna de Itapira, 2002, n. 1593 e 1596.

CARLOS, A. F. A. A Cidade: Uma Perspectiva Histórica. 1.ed. São Paulo: Contexto, 1992.

CARLOS, A. F. A. O Espaço e Indústria. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, A. F. A. O Espaço Urbano. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FREITAS, M. R.; GARCIA, L. B. R. "Educação Cidadã: Propostas de Materiais Didáticos que Unem os Conceitos de Tempo e Espaço em Sala de Aula". Geografia, v. 28, maioagosto/2003, p. 261-277.

LEFÉBVRE, H. A Vida Cotidiana no Mundo Moderno. São Paulo: Ática, 1991. MARX, K.; ENGELS, F. O Manifesto Comunista, 1848.

MATOS, O. C. F. "A Cidade e o Tempo: Algumas Reflexões Sobre a Função Social das Lembranças". Revista Espaço e Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1982, p. 45-52.

MATOS, O. N. Café e Ferrovias, A Evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeeira. 2.ed. Alfa Omega, 1974.

MEIH, J. C. S.B. Manual de História Oral. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ORTIGOZA.S. A. G. O Tempo e o Espaço da Alimentação no Centro da Metrópole Paulista. (Tese) Doutorado em Geografia. Rio Claro: IGCE/UNESP, 2001.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Trabalho enviado em agosto de 2008

Trabalho aceito em setembro de 2008